

1

Vidas discursivas: o autor e o personagem

1.1

A crônica como um jogo literário

Quem sou eu? Este fortuito arranjo de elementos que se chama António Lobo Antunes? Esta soma de partículas, de acasos?¹

De que maneira seria possível entrever no texto de ficção as incidências empíricas da existência de um escritor? É possível que uma proposta que privilegie a investigação de traços autobiográficos relegando a análise literária a um plano inferior e destituindo a ficcionalidade e as representações pela análise de fatos inscritos na sua história, se aproxime mais de um olhar de natureza biográfica do que de uma abordagem propriamente crítica. Apesar de a obra de António Lobo Antunes ser, como veremos, atravessada por muitas referências à sua própria história, este elemento não constituirá o eixo desta dissertação. Antes, tomaremos os supostos *pontos de coincidência* como um feixe de alusões deliberadamente inseridas no projeto de escrita do Autor; ora sob a mediação da sua criatividade literária, ora como o valor de um testemunho, de um retrato. A opção pela inclusão da experiência vivida em sua obra tem a ver com a mecânica que a professora Maria Alzira Seixo identifica na literatura. Para ela:

[...] em literatura, a subjectividade da escrita acarreta, de forma mais ou menos evidenciada ou mais ou menos subtil, a projecção de uma circunstância efectiva directa, transformada, reelaborada ou contrastiva, que de algum modo aponta para o autor que a escreve.²

A partir desta perspectiva, analisaremos algumas crônicas que apresentam traços que remetem para a figura do escritor, no processo de formulação de um

¹ ANTUNES, António Lobo. “Olá”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 82.

² SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 475.

discurso cujo sentido ora se confunde com as circunstâncias vividas pelo Autor, ora ultrapassa a “verdade” do escritor, ancorando-se na liberdade de realização do imaginário que a literatura proporciona. Neste contexto, tomaremos as entrevistas de António Lobo Antunes como espelhos que vêm refletir pontos centrais na sua vida e na sua história, tomando o cuidado de não tratá-las como fontes de provas, pois o próprio escritor recomenda que as suas entrevistas devem ser lidas sempre através de um filtro de desconfiança: “Nas entrevistas, por vezes dou uma resposta qualquer para que me deixem em paz”.³ Assim, consideraremos as entrevistas do Autor como *discurso natural*, “que não é outra coisa senão o bom-senso, o socialmente aceito, a lei, a norma, [que] define a historicidade do verossímil”⁴, projetando nas suas respostas artifícios de natureza literária estabelecendo uma relação de similaridade, de identificação e de semelhança para buscar um efeito, um resultado provocador de sentido.

Em primeiro lugar, as recordações da infância adquirem um espaço fulcral nas crônicas de António Lobo Antunes. A memória do bairro de Benfica na década de cinquenta e a figura do avô António são representações que apontam para um tempo de menino e constituem tópicos que nos seus textos são apresentados como saudosas recordações, recriadas no imaginário do escritor.

Como sabemos, Benfica é um bairro de certo modo afastado do centro de Lisboa. Ali, o escritor viveu grande parte de sua vida, fato explícito diante da imensa quantidade de fotos e de referências públicas que atestam a importância da casa dos Lobo Antunes. Entretanto, a focalização proposta pelo escritor evidentemente não visa apenas uma mera referência ao bairro. Importa, claro, pensar no que se transformou aquela cidade pacata, solidária, bucólica e amiga, que Benfica – na altura dos anos cinquenta – emblematicava. A orfandade de uma cidade *que já não é como foi um dia* é um tópico muito freqüente em suas crônicas e a Benfica de sua infância funciona como um elemento condensador de muitos relatos.

Como dissemos, um personagem muito freqüente em suas crônicas é o avô António que, para o neto escritor, representa a presença da afetividade no universo familiar, pois aquele que, em uma de suas crônicas aparece como um estranho,

³ BLANCO, María Luisa. “Tudo o que me aconteceu foi muito mais do que poderia desejar”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 224.

⁴ KRISTEVA, Julia. “A produtividade dita texto”. In: *Literatura e Semiologia: Pesquisas Semiológicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972, p. 50.

dado que a surdez o isola do mundo, em entrevista surge como alguém “mais importante para mim que o meu pai”.⁵

A nostalgia da afetividade, em sua obra, também está muito ligada às configurações de Lisboa, em meados do século passado, onde a amizade que manteve com alguns companheiros de sua geração, como José Cardoso Pires, Nelson de Matos e Ernesto Melo Antunes marcou profundamente não apenas o *personagem* António, que lemos nas crônicas, mas também – e de forma muito particular – a sua escrita.

Se por um lado o Autor focaliza a sua infância em Benfica e o avô António como referenciais de um universo infantil marcado pela ingenuidade; por outro lado, a evocação da sua relação com a escrita aponta para um universo adulto obcecado pela precisão da linguagem com que constrói a sua criação: “[...] temos de encontrar as palavras primas, em sentido matemático; as que só são divisíveis por si mesmas e pela unidade e trabalhar com elas.”⁶ Desta maneira, o Autor constrói a imagem dual de um António que se realiza no imaginário do leitor como uma representação indissociável da vivência pessoal, a partir das recordações da infância e da rememoração de pormenores que configuram a gênese de sua vocação literária. O passado aflora como imagem de ordenação do mundo representado no discurso cronístico, que ora se projeta a partir do olhar infantil, dosando a inocência que esta primeira idade exige, com a maturidade do ficcionista no registro de sua autoformação.

Na crônica *Não foi com certeza assim mas faz de conta*⁷, o texto é tomado pela imaginação infantil a partir da observação direta do aparelho de surdez que caracteriza a figura do avô. Descrito pelo narrador como recatado, silencioso e mudo, o avô, no contexto da visão de mundo do menino, “de pessoa tinha pouco”.⁸ A imagem *fantástica* criada a partir de então nos remete a uma figura que se comunica com os anjos, marcada por um comportamento que lembra a “leveza distraída dos serafins”.⁹

⁵ BLANCO, María Luisa. “Porque se escreve? Pergunta a uma macieira porque dá maçãs”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 34.

⁶ BLANCO, María Luisa. “Tudo o que me aconteceu foi muito mais do que poderia desejar”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 225.

⁷ ANTUNES, António Lobo. “Não foi com certeza assim mas faz de conta”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 13.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ Idem, *ibidem*.

Do que eu mais gostava na Beira Alta era da surdez do meu avô. Usava uma espécie de auscultadores de que saía um fio entrançado que terminava na pilha

enorme

no bolso de cima, e dava-me idéia, pela expressão atenta, de estar sempre a comunicar com os anjos ou essas vozes sem corpo que julgava perceber nos pinheiros e ele decerto escutava. [...] De pessoa tinha pouco: não me lembro de o ver rir, de o ver comer: ou permanecia calado na varanda para a serra ou então lia o jornal, que chegava no comboio do meio-dia e era necessário ir buscar à estação. De casaco de linho branco, encostado a um pilar, voltava as páginas num ruído de pombos sem que a sua expressão mudasse uma só vez. Se calhar nem lia: demorava-se nas notícias o tempo necessário para pensarmos que lia, esquecia-se das folhas numa cadeira de lona e descia para a vinha sem pisar os socacos, na leveza distraída dos serafins¹⁰.

Esta crônica nos permite fazer uma leitura sob dois planos de interpretação. No primeiro, percebemos que a representação do avô se dá a partir de uma recuperação mnemônica que adquire a forma de uma interpretação bem humorada. No segundo, encontramos a representação do António - enquanto *personagem* adulto - envolvido num ambiente narrativo um tanto amargurado.

Hoje o surdo sou eu. E o feijãozinho que a medicina moderna me colocou no ouvido apenas me traz ruídos ampliados de garagem em noites de insónia e os guinchos distorcidos do universo. Tenho de voltar o mais depressa possível à Beira Alta e encontrar os anjos. Com um casaco de linho branco e uma boquilha tomar-me-ão pelo meu avô e perguntarão, em latim, se estou bem. Não sei como se responde
- Vamos indo¹¹

O segundo plano se constrói através de um processo de auto-observação. O narrador, que se revela como surdo na caracterização de *si mesmo*, reconhece que a perda da infância o faz perceber uma realidade diferente daquela que experimenta nas fantasias de menino. Ao dizer que tem “de voltar o mais depressa possível à Beira Alta”,¹² o personagem identifica essa *perda* e nos permite verificar um desejo de retomar a infância perdida. O tom magoado com que finda a crônica está relacionado a um tempo em que o passado infantil deixa de contribuir com alusões fantásticas e inocentes. Nesta crônica, podemos perceber

¹⁰ ANTUNES, António Lobo. “Não foi com certeza assim mas faz de conta”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 13.

¹¹ Idem, p.15.

¹² Idem, p.13.

que o encontro desses olhares (infantil/adulto) traça um contraste entre o humor e a melancolia, onde o resgate da memória da infância não encontra um sentido imediato na expressão da maturidade presente.

Através da utilização de mecanismos de criação, percebemos que no último trecho desta crônica o Autor alude a uma condição que ele mesmo vivencia, pois a surdez do escritor é uma característica que lhe traz uma certa limitação. Podemos verificar que o Autor vai reafirmar em uma de suas entrevistas esta circunstância desfavorável: “Há coisas que me são vedadas: o teatro, a música... Tiro este aparelho e não oiço nada. Foi muito difícil para mim aceitar e acostumar-me à surdez”.¹³

A maneira com que o Autor constrói a sua encenação nas entrevistas faz com que este sentido constitua o sentido da figura materializada no texto. Desse modo, o Autor assinala na ficção um diálogo com a experiência que representa na entrevista como um *recurso literário* que freqüentemente utiliza na elaboração de suas crônicas e que veremos mais adiante em outros textos do Autor.

Na seqüência da temática da infância e retomando a companhia do avô como uma recordação agradável, há a crônica *Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes*¹⁴ que nos oferece uma leitura mais centrada na experiência do cronista e na caracterização da cidade de Lisboa do *seu tempo*. Nesta crônica, a proposta do Autor se afirma a partir do título por trabalhar inicialmente com a idéia de *biografia* que desperta o interesse pela vida do escritor. O título da crônica, entretanto, é semelhante a um *blefe*, pois o Autor conduz os seus leitores à revelação de *subsídios* que oscilam entre dados concretos de sua história de vida que, como sempre, partem da rememoração de sua infância, de seus costumes, de seus gostos e de suas paixões, partindo progressivamente para uma dimensão de tal maneira fantasiosa que o texto adquire autonomia completa em relação à vida.

Julgo que herdei do meu avô o gosto de me sentar calado, a olhar. Ele fazia-o no jardim. Como não tenho jardim faço-o em casa, nos bancos da rua, nos parques, nos centros comerciais. Durante a Faculdade, mal acabava a aula na morgue, descia à avenida da Liberdade e, nádega para a direita, nádega para a esquerda, conquistava um espacinho de tábuas entre dois reformados. Os reformados falam pouco e eu também. Só me

¹³ BLANCO, María Luisa. “Viver é como escrever sem corrigir”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 92.

¹⁴ ANTUNES, António Lobo. “Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 49.

faltava a pantufa do pé direito, o cigarro de mortalha e a bengala¹⁵.

A questão da memória e da afetividade surgem sempre associadas a uma certa nostalgia da cidade como lugar antropológico, em contraste com a incomunicabilidade na vida contemporânea.

O Autor emprega nesta crônica a nostalgia da cidade ao testemunhar um espaço urbano ainda compartilhado pela sociedade. O cenário narrado é composto por “bancos” e “parques” que acomodam “reformados” e que nos remete a um modelo de cidade diferente da que presenciamos na vida urbana atual. A crônica é projetada a partir de um espaço *aberto*, espaço de *permanência*, em que o personagem demora-se num local público, conforme um costume tradicional da sociedade, que foi abandonado pela vida dos nossos dias.

No entanto, o sentimento de nostalgia está fortemente ligado ao sentimento de perda que, no contexto contemporâneo, está associado a uma vida esvaziada, a uma vida de ausências. Se acompanharmos a proposta teórica de Andreas Huyssen¹⁶, podemos afirmar que o Autor faz do retrato da cidade uma espécie de ancoragem para refugiar-se das falências que a pós-modernidade impôs. Em outras palavras, parece ser através da representação do processo mnemônico que o Autor tenta compensar a *falta* da vida exterior que se vê nos dias atuais. Nesta crônica, Lobo Antunes representa um personagem que tenta recuperar momentos de coerência e estabilidade a partir da rememoração de antigos modos de vida e experiências sociais.

Ao percorrer as ruas da cidade, o personagem nos dá a dimensão de um espaço público que remonta ao fim dos anos cinquenta, e isto se confirma com a menção de Mandrake, famoso personagem dos quadrinhos daquela época, e da referência a alguns artistas de cinema em cartaz, como Esther Williams, Joan Fontaine e Lana Turner. A partir daí, a sua escrita parece ser assaltada de modo irreversível pela dimensão fantasiosa do cinema americano, o que faz com que passe a contrastar radicalmente com a palavra *biografia* anunciada no título.

Os pombos emigravam para o telhado do anúncio Sandeman,
um homem de chapéu e capa, com um cálice de vinho do Porto.

¹⁵ ANTUNES, António Lobo. “Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 49.

¹⁶ HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999, p. 18.

Na minha opinião, adquirida pelos cinco ou seis anos de idade, nunca existiu nada mais bonito. Gostava de Mandrake porque se parecia com ele: “Mandrake fez um gesto mágico e...”. Ao erguer o cálice o anúncio Sandeman fazia um gesto mágico e a noite aparecia. Este milagre quotidiano continua a encantar-me. Além disso havia as frontarias dos cinemas e as lâmpadas a correrem à volta dos nomes dos actores: Esther Williams, Joan Fontaine, Lana Turner.¹⁷

Ao aludir a grandes nomes do cinema *hollywoodiano*, o personagem remete a um tempo marcado pela hegemonia da cultura norte-americana que progressivamente influenciou o modo de vida de cidadãos de muitos países. Após a II Guerra Mundial (1939-1945), os Estados Unidos experimentaram um acelerado crescimento económico e industrial que foi difundido pelo mundo como parâmetro de sucesso, o que conseqüentemente instituiu um modelo de cultura que se tornou um referencial absoluto. Este episódio da história americana ficou conhecido por expandir o *american way of life*, que correspondia a um modo de vida baseado na imitação das características da sociedade norte-americana.

Em relação ao cinema, este foi um período em que Hollywood representou uma grande projeção na vida, principalmente, dos jovens. Paralelamente, a década de cinquenta no Brasil ficou marcada por um período em que o país foi atravessado pela estética americana dos *rebeldes sem causa* que retratava o comportamento de jovens urbanos influenciados pelos filmes americanos estrelados por James Jean.

Em *Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes*, a representação da influência cultural do cinema norte-americano na geração de Lobo Antunes se afirma com a narração de um personagem que se encontra apaixonado pela atriz Lana Turner, cujo enredo - demasiadamente fantasiado pelo menino - se desdobra na figuração de um suposto noivado com esta artista:

Concebi por Lana Turner uma paixão absoluta, exclusiva. Em momentos de desânimo quase penso que me não retribuiu. Mas o desânimo, claro, é passageiro, e o cabelo platinado, as sobrancelhas evasivas desenhadas a lápis, em semicírculos perfeitos, os vertiginosos decotes de cetim, o baton escarlate, tudo me garante um amor eterno, eternamente partilhado.¹⁸

¹⁷ ANTUNES, António Lobo. “Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 49.

¹⁸ Idem, p. 49-50.

Numa leitura mais atenta, percebe-se que esta crônica nos permite vivenciar um olhar sobre o papel público do cronista. Afinal, ele escreve a partir de momentos, de acontecimentos ou situações que normalmente presencia ao seu redor, no seu exercício diário de conviver, fazendo o melhor proveito da circunstância urbana ou política. Jorge de Sá analisa o termo circunstância, partindo do fato de que:

[...] o termo assume aqui o sentido específico de pequeno acontecimento do dia-a-dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante. Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo *que também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também.¹⁹

Em *Subsídios para a biografia de António Lobo Antunes*, o personagem comporta-se como um menino *observador* e nos revela os códigos do próprio cronista em sua atividade, dado que o narrador encontra na simplicidade do que vê nas ruas, o motivo para a criação da ficção. Diante de um anúncio e de alguns nomes de estrelas de cinema, cenário e impressões estampados no cotidiano da cidade, o Autor emprega a sua sensibilidade e garante aos seus leitores a prazerosa aventura de construir a partir de circunstâncias mínimas uma grande paisagem de fantasias e emoções.

Com esta representação, podemos observar que Lobo Antunes aponta para o fato de que somos dependentes destas ficções e que as incorporamos sem conseguir distinguir bem da nossa *biografia* toda essa criação que instalamos em nossas vidas. Ao nos apresentar personagens que vivenciam este processo, o Autor nos faz perceber que esta condição nos é naturalmente necessária para que a nossa vida não se esgote no contexto de uma “realidade truncada”.²⁰ Sendo assim, podemos dizer que a proposta do escritor se aproxima da teoria de Ricardo Piglia em que a literatura se constrói a partir da interpretação da realidade como um

¹⁹ SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 11.

²⁰ ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 110.

“tecido de ficções”.²¹ Neste sentido, Lobo Antunes nos faz perceber que, não só a literatura, mas a vida também pode ser pensada como um processo de criação de *verdades*.

Na esteira dessas reflexões, cabe-nos observar que o texto – inicialmente direcionado a revelar *subsídios* que comprovariam uma história de vida – percorre outros caminhos mais ligados ao *fazer literário* do escritor. A sua produção literária, em sentido mais amplo, está relacionada à representação dos mecanismos da memória como um traço da contemporaneidade, uma busca de indenização pelas perdas que a vida moderna impôs.

Além dos referenciais que remetem à infância, a crônica *Para José Cardoso Pires, ao ouvido*²² nos apresenta uma possibilidade de verificar episódios efetivamente ocorridos, que funcionam como a base da crônica. Nela, o Autor traz para a ficção o escritor José Cardoso Pires, a quem dedica o texto. A incontestável amizade que havia entre os dois escritores e a perda do amigo torna-se o eixo central do texto. Como testemunho de uma amizade, o Autor descreve alguns momentos em que esteve na companhia de José Cardoso Pires e os pormenores que caracterizam o seu afeto por ele.

O que surge à minha frente, Zé, somos nós dois separados por uma mesa de restaurante, tu a vinho e eu a água ou a cerveja sem álcool

[...]

ou na tua casa, ou na minha, ou na rua, ou nas muitas viagens que fizemos juntos ao estrangeiro. À Galiza, por exemplo, a última, em que durante oito horas de temporal, no automóvel do Nelson, cantámos em coro, o tempo inteiro, fados de ceguinhos e boleros de cabarés defuntos onde as prostitutas tricotavam, baloiçando os duplos queixos, ao ritmo da música, à espera de clientes improváveis. Julgo que nunca te vi tão feliz, tão alegre, tão tocante como nessa semana²³.

Neste texto, o referencial credível tensiona o jogo com o leitor por se tratar de um fato conhecido e de domínio público: a amizade entre eles sempre foi algo revelado, tanto por Lobo Antunes, como pelo próprio José Cardoso Pires, ou Zé, como é chamado intimamente.

²¹ PIGLIA, Ricardo. “A leitura da ficção”. In: *O laboratório do escritor*. Tradução: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1994, p. 68.

²² ANTUNES, António Lobo. “Para José Cardoso Pires, ao ouvido”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 197.

²³ Idem, p. 198.

Falávamos todos os dias; era uma pessoa com quem falava de tudo, não só de literatura, porque, além disso, tínhamos gostos diferentes; falávamos sobretudo da vida, de tudo. Era um homem muito truculento e, ao mesmo tempo, era um homem extremamente delicado, de uma amizade vigilante²⁴.

Nesta crônica, a recuperação de momentos passados funciona como expressão da saudade do amigo e são essas lembranças restauradas pela memória que configuram o ambiente narrativo, funcionando como uma forma de homenagem, mas também de refúgio numa experiência compartilhada, embora ausente. A nostalgia da afetividade marca então um modo de se defender de um presente onde os signos familiares e afetivos se desintegraram com a perspectiva individualista do homem contemporâneo.

Em *Para José Cardoso Pires, ao ouvido*, o Autor faz referência também a Nelson de Matos até então, dono da Publicações Dom Quixote, uma das maiores e mais prestigiadas editoras portuguesas que acompanhou todo o trabalho de Lobo Antunes. O tom familiar com que o Autor se refere a mais um de seus grandes amigos, nos dá a dimensão de uma amizade testemunhada pelo editor:

Dos seus 25 anos de escritor, recentemente comemorados, 23 foram passados comigo, lado a lado, estreitamente, cruzando muitos aspectos decisivos das nossas vidas – pessoais e profissionais. Um longo casamento – como ele [Lobo Antunes] próprio dizia e escreveu²⁵.

A partir destas observações, podemos perceber que uma das vertentes que sustentam a construção ficcional de Lobo Antunes está na prática de recorrer à memória apresentando ao leitor os “restos de um real”.²⁶ O que se observa nos seus textos são fragmentos de uma realidade recuperada através da evocação de um passado que se torna discursivo.

Do mesmo modo, quando lemos a crônica *Não se desce vivo de uma cruz*²⁷, percebemos que o escritor optou por colocar em circulação experiências pessoais suas, tornando-se, ao mesmo tempo, autor, narrador e, se fosse possível afirmar,

²⁴ BLANCO, María Luisa. “Viver é como escrever sem corrigir”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 88.

²⁵ MATOS, Nelson de. “Os jovens matam e comem os velhos”. Entrevista concedida a José Pedro Castanheira e publicada na revista *Actual* em 27 de novembro de 2004.

²⁶ SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 187.

²⁷ ANTUNES, António Lobo. “Não se desce vivo de uma cruz”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p.141.

um dos personagens da sua crônica. Neste texto o Autor relembra um outro companheiro seu, Ernesto Melo Antunes, figura muito representativa para a sua geração e para aqueles que vivenciaram as tensões que envolveram a descolonização de Angola. Ernesto foi o capitão da tropa de que Lobo Antunes fez parte, quando, em 1970, foi designado a partir para a guerra em Angola e é sobre ele que o escritor nos diz:

Muito importante para mim foi conhecer Melo Antunes. Esse foi um encontro decisivo na minha vida. Ele era capitão, mas estava contra a guerra, completamente contra. Eu não concebia que um militar falasse como ele, era muito estranho para mim. Uma amizade muito cordial uniu-me a ele até à sua morte. Tive dois amigos excepcionais: Cardoso Pires, com quem falava muito, e Ernesto Melo Antunes, com quem não falava nada.²⁸

A crônica está ambientada no momento derradeiro em que Melo Antunes se encontrava e construída referencialmente pela amizade de poucas palavras:

Dois dias antes, assim que ficámos sozinhos, disse:
- Quero morrer com dignidade.
Estava muito cansado e muito magro, e apesar de muito magro continuava a perder peso. Ao lado da poltrona em que se sentava
se aquilo era sentar-se
uma pilha de lenços para os quais tossia sem parar. Adormecia por vezes, acordava, olhava para mim e encolhia os ombros num sorriso. A nossa amizade sempre foi mais feita de silêncios que de palavras²⁹.

Nesta crônica – mais uma vez – a perda do amigo torna-se o fio que sustenta o enredo do texto. A nostalgia de um passado desencadeia uma imagem que assume, sob a restauração de uma afetividade, o registro subjetivo de alguém que sente a dor da perda de uma pessoa querida. Através da evocação de uma recordação pessoal, o Autor nos dá a dimensão de uma criação que assombra pela veracidade ali instalada; por isto, percebemos que é absolutamente inegável que Lobo Antunes inscreve na sua obra traços da sua experiência de vida.

Para Michel Foucault “seria tão falso procurar o autor no escritor real como no locutor fictício”³⁰ e isto se comprova na medida em que o filósofo sustenta a

²⁸ BLANCO, María Luiza. “Viver é como escrever sem corrigir”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 50-53.

²⁹ ANTUNES, António Lobo. “Não se desce vivo de uma cruz”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 141.

³⁰ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4ª ed. Lisboa: Vega, 2002, p. 19.

idéia de que o autor é uma função dentro da construção ficcional. Em algumas crônicas de Lobo Antunes, percebemos que estes campos – autor, escritor e narrador – não estão totalmente delimitados. Sendo assim, a sua estratégia de escrita está voltada para condensar esses papéis o que pode, por vezes, *confundir* o leitor.

Mas não é sempre que encontramos nas crônicas de Lobo Antunes incidências que são aludidas em suas entrevistas. Entendemos que as suas construções ficcionais não obedecem à regra de impor *verdades* ao texto como propósito de fundar uma *suposta realidade*. Mas, seguindo essas proposições, pode-se pensar que um leitor desprevenido fatalmente reconheceria na proposta de revelação das circunstâncias vividas pelo autor a retratação do *real concreto* do escritor.

Na crônica *Isto*³¹, Lobo Antunes nos oferece a dimensão de uma criação que foge amplamente do contexto representado em suas entrevistas. O enredo da crônica aponta para uma espécie de memorial do autor, dando conta – de modo, inicialmente, bastante bem-humorado e alegórico – dos seus primeiros contatos com a arte literária.

Julgo que me tornei escritor porque em criança o meu pai me curava as gripes com sonetos em lugar de aspirinas: pela parte da boca que o cachimbo não ocupava saíam ao mesmo tempo fumaças e tercetos cujo efeito medicinal, somado às papas de linhaça da minha mãe, me mergulhavam a pouco e pouco numa espécie de coma rimado, do qual me não libertei totalmente visto que respondo aos polícias das multas em alexandrinos contados pelos dedos no capot do carro.³²

Nesta crônica, o Autor apresenta sob o estatuto da primeira pessoa, uma circunstância que contradiz a que se revela em entrevista. Segundo Lobo Antunes, nunca houve no seu ambiente familiar um incentivo à sua vocação, como ele próprio explica:

Comecei a escrever nestes blocos que eram os das receitas do Hospital Miguel Bombarda, do meu pai. Os meus pais não queriam que eu escrevesse. Portanto eu tinha que escrever em folhas pequenas: tinha o livro de Geografia ou de História posto por baixo, ouvia os passos deles e trocava a ordem. Ainda hoje

³¹ ANTUNES, António Lobo. “Isto”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 121.

³² Idem, *ibidem*.

escrevo com um livro aberto. Está aí. Para os adultos eu era um factor de inquietação permanente³³.

A partir dessa observação, podemos considerar que, quebrando o ritmo de coerência nas representações entre a crônica e a entrevista, o Autor nos faz pensar que a sua proposta ficcional também se inclina no sentido de conduzir o leitor a *abrir os olhos* e perceber que no discurso literário, nem sempre os signos apontam para um lugar *seguro*, mesmo que o texto seja escrito sob o argumento de uma *ótica pessoal*.

No entanto, ao fim da narrativa que elabora a partir de uma circunstância que viria a revelar o início de sua experiência como escritor, o leitor é surpreendido com a inferência de uma *verdade*, dado que o Autor utiliza a figura da ex-mulher e da filha Joana como referenciais que sustentam um sentido capaz de conferir a densidade e a consistência de um *real*: “E agora desculpem: não posso acabar esta crônica nem corrigi-la porque a minha filha Joana acaba de chamar-me a dizer que a mãe morreu”.³⁴ Esta opção por revelar um dado concreto de sua vida em sua obra, mais uma vez, cria no imaginário do leitor a expectativa de reconhecer nos seus textos fragmentos de sua biografia, sobretudo, por explorar a fatalidade da morte de alguém que estima, aludindo a uma exposição de suas relações familiares.

Tratando-se de um escritor cuja “construção mental foi feita para escrever”,³⁵ que se apóia na premissa de escrever um livro “para corrigir o anterior”,³⁶ percebe-se que o seu processo de escrita se torna um exercício constante de preenchimento do espaço vivido pela linguagem.

Diante deste quadro, a crônica *António 56 ½*³⁷ nos revela a maneira com que o Autor representa a sua experiência com a literatura. Nesta crônica, a subjetividade do narrador, “ao reflectir sobre si mesmo”,³⁸ expõe-se pelo modo com que referencia os anseios e a disposição com que o escritor trata o tema da

³³ ANTUNES, António Lobo. “Acho que já podia morrer”. Entrevista a Adelino Gomes. In: *Público* de 9 de novembro de 2004.

³⁴ ANTUNES, António Lobo. “Isto”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 122.

³⁵ ANTUNES, António Lobo. “Acho que já podia morrer”. Entrevista a Adelino Gomes. In: *Público* de 9 de novembro de 2004.

³⁶ Idem, ibidem.

³⁷ ANTUNES, António Lobo. “António 56 ½ ”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 17.

³⁸ Idem, ibidem.

escrita em sua vida. A enunciação torna-se facilmente identificável com o contexto metalingüístico, que reenvia as implicações da escrita para o cerne do próprio texto. O personagem representa através da intensidade com que se envolve na escrita, o sofrimento provocado pelo isolamento imposto pelo trabalho, e revela que a busca pela perfeição é o elemento que move a sua atividade de escritor.

Jogara tudo no acto de escrever, servindo-se de cada romance para corrigir o anterior em busca do livro que não corrigiria nunca, com tanta intensidade que não lograva recordar-se dos acontecimentos que haviam tido lugar enquanto os produzia. Esta intensidade e este trabalho faziam que não sofresse outra influência que não fosse a sua nem erigisse como modelo nada fora de si, embora o tornassem mais sozinho do que um casaco esquecido num quarto de hotel vazio, enquanto o vento e a desilusão fazem estalar, à noite, a persiana que ninguém fechou³⁹.

Para Michel Foucault, a escrita representa uma experiência “de vida e de morte”⁴⁰, o que equivale dizer que, além da representação de uma vivência por meio da linguagem, a escrita seria uma forma de abnegar a morte. A experiência da escrita revela-se na inquietude que o artista experimenta no seu exercício freqüente contra o conformismo da morte. A maneira persistente de *refazer* seria uma renúncia à aceitação do fim. Na obra de Lobo Antunes, esta é uma argumentação válida, na medida em que a sua escrita é uma expressão de arte e a arte está sempre a fiar e desfilar o seu fio com o propósito de denegar um fim.

Em outra passagem da crônica *António 56 ½*, o personagem alude à sua luta com as palavras, na expectativa de produzir um efeito tátil aos seus leitores:

[...] ocupado como andava a gravar as palavras tão profundamente que se pudessem ler, como Braille, sem o auxílio dos olhos. Que o dedo corresse pelas linhas e sentisse o fogo e o sangue. Para que sentissem o fogo e o sangue tornava-se necessário que ele ardesse e sangrasse”⁴¹.

De modo semelhante, o escritor testemunha em entrevista o trabalho ardoroso que a escrita suscita na busca da expressão:

³⁹ ANTUNES, António Lobo. “António 56 ½ ”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 17.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4ª ed. Lisboa: Vega, 2002.

⁴¹ ANTUNES, António Lobo. “António 56 ½ ”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 18.

Dizem que o poeta russo Putshkin (poeta russo, 1799-1837), quando usa a palavra “carne”, a gente sente-lhe o gosto na boca. A palavra carne é sempre a mesma, depende das palavras que se põem antes e das palavras que se põem depois. Para que as pessoas sintam o gosto na boca eu tenho que trabalhar como um cão, até encontrar as palavras exactas antes e depois.⁴²

Ao testemunhar essa dificuldade, o escritor nos remete a uma das idéias de Faulkner (1897-1962), escritor ao qual alude em entrevista, para citar que “é necessário que o escritor sofra para que o leitor tenha prazer”.⁴³ Isto porque “ao escritor custa muito trabalho encontrar o lugar de cada palavra, mas cada palavra tem o seu lugar e se não a situamos no sítio adequado, a frase será uma frase falida”.⁴⁴

No entanto, qual seria esse *lugar* que a palavra deveria ocupar? Se tomarmos aqui o eixo para a construção literária do autor num sentido mais amplo, podemos dizer que o lugar da palavra é o lugar do discurso. A complexidade em encontrar o “sítio adequado” poderia ser lida como uma forma de encontrar o que se quer dizer, ou para quem se quer dizer? Neste texto, a luta com a palavra aponta para uma estratégia de torná-la ação em busca de respostas aos questionamentos da sociedade que o inscreve.

Com isso, entendemos que o processo de escrita da crônica *António 56 ½*, representa a procura do lugar do discurso ou do lugar na sociedade para que o seu discurso se estabeleça. Entretanto, sabemos que na sociedade portuguesa, Lobo Antunes se encontra bem posicionado como escritor e intelectual, e que o seu discurso possui um lugar estabelecido, comprometido com o desarquivamento dos tópicos que têm a ver com os mecanismos derivados da coerção política imposta pela ditadura, além de reabrir ao questionamento da sociedade as condições da guerra em África.

Ao buscar o encontro com a palavra, o escritor também busca encontrar a si mesmo. Esse processo é tensionado quando ele procura a forma dúbia de se expressar; ou seja, quando separa o seu papel como indivíduo do seu papel como

⁴² ANTUNES, António Lobo. “Acho que já podia morrer”. Entrevista a Adelino Gomes. In: *Público* de 9 de novembro de 2004.

⁴³ BLANCO, María Luiza. “Porque se escreve? Pergunta a uma macieira porque dá maçãs”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 30.

⁴⁴ Idem, *ibidem*.

artista e autor das suas obras. Na crônica *Nem tanto à terra*⁴⁵, o Autor nos dá a dimensão desse encontro de *identidades*:

Confundem-nos diariamente como se parecêsemos, os seus colegas de liceu cumprimentam-me, a sua família convida-me para jantar, solicitam-me autógrafos para os livros que escreveu: com a força do hábito já lhe imito razoavelmente a letra e, de tempos a tempos, atrevo-me a colaborar num capítulo, escrito devagarinho a pensar no que o tal António Lobo Antunes acharia, procurando reproduzir o que me dizem que sente. É a primeira ocasião que escrevo para uma revista, por me pedirem esta crônica a mim julgando que lha pediam a ele. A fim de não embaraçar ninguém
nem os senhores da revista nem o referido António Lobo Antunes que apenas vejo, de fugida, no espelho da barba matinal, e se cuida livre deste artigo
decidi fazê-lo.⁴⁶

O que podemos apreender desse processo é que além de suscitar um jogo literário com o leitor, Lobo Antunes nos apresenta a sua relação com a escrita como uma “função”⁴⁷, na linha da já referida teoria de Foucault. Como escritor e homem que assina a obra, Lobo Antunes nos dá a ver a sua posição de mediador do discurso literário. Em entrevista a María Luisa Blanco, o escritor reitera esse processo de modo sistemático:

António Lobo Antunes é outro; eu sou António. E que me reconheçam como o escritor faz-me sentir como um usurpador. É uma sensação real, não creia que exagero. Sinto que tenho o nome de quem escreve os livros, alguém que deve ser muito sério. Depois, estou eu, que não tenho consciência de ser o autor. É como uma esquizofrenia. Todas as teses, todos os estudos são sobre o outro homem. Às vezes, fazem-me perguntas técnicas e não sei responder, porque não é o meu trabalho, é o trabalho do outro.⁴⁸

Desse modo, o escritor afirma que a sua experiência com a escrita está circunscrita ao discurso de uma sociedade, e que a sua palavra como autor está relacionada com uma responsabilidade social muito maior do que a que ele sustenta enquanto cidadão. Nestas passagens, o Autor nos aponta que o discurso

⁴⁵ ANTUNES, António Lobo. “Nem tanto à terra”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 57.

⁴⁶ Idem, p. 58.

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2002.

⁴⁸ BLANCO, María Luisa. “Que me reconheçam como o escritor António Lobo Antunes faz que me sinta como um usurpador”. In: *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 163-164.

intelectual não é o mesmo discurso do sujeito e, fazendo essa separação, ele nos dá a medida da importância do primeiro. Umberto Eco nos ensina que “o intelectual tem de ser a consciência crítica do grupo”⁴⁹; portanto, se entendermos esse “grupo” como a própria sociedade que o inscreve, percebemos que Lobo Antunes se inclui como autor e intelectual quando através desse desdobramento assume o seu *papel* de interrogar e discutir os valores desse espaço coletivo.

A partir destas reflexões, compreendemos que seja através das representações da infância ou da evocação de referenciais mais próximos, Lobo Antunes tece um mundo partilhado de possibilidades de interpretação. Sendo assim, as crônicas revelam que o escritor não só evoca na escrita a sua subjetividade, mas a *vivencia* “nas brincadeiras de ficção que arma ao leitor e nos jogos dramáticos que lhe oferece”.⁵⁰

Contudo, admite-se que Lobo Antunes promova em sua literatura o amalgamento de realidade e ficção, e que nos remete a um terceiro *lugar* que não legitima nem a *verdade* e nem a sua *invenção*. A representação dessa subjetividade, sobretudo, é feita de componentes que se desdobram em múltiplas entidades e figurações diferentes, que podem por vezes estabelecer semelhanças ou não em torno do sujeito autoral, mas que suscitam *sentidos* partilháveis com os leitores, que de uma maneira ou de outra, os focalizam como autobiografáveis, na medida em que se tornam peças de um *puzzle* que exige a sua disposição para juntá-las.

⁴⁹ ECO, Umberto *apud* MACIEL, Ana Lúcia de Vasconcellos. “O papel do intelectual na cultura contemporânea: seria Almada um intelectual da atualidade?” In: *Gândara. O papel do intelectual na contemporaneidade*. PUC-Rio: Cátedra Padre Antônio Vieira/ Instituto Camões, 2005, p. 23.

⁵⁰ SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p.100.

1.2

O mal-estar e a experiência da vida contemporânea

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
Carlos Drummond de Andrade⁵¹

Para o eu-lírico do poema de Carlos Drummond de Andrade, a ausência faz parte da sua vida e, por isso, não há razões para encontrar respostas e tentar entendê-la, dado que representa um sentimento habitual que dispensa relações com carências ou perdas. No entanto, nas crônicas de António Lobo Antunes, a ausência está inscrita em uma série de experiências que marcaram a sociedade contemporânea, pois os seus personagens representam vidas que estão carregadas de impressões históricas e sociais, em que a ausência estabelece uma necessária conexão com a sensação de falta nas relações de afeto.

Ao longo da leitura das crônicas de António Lobo Antunes, muitas vezes nos deparamos com personagens construídos em torno de discursos que se configuram como monólogos interiores. Com este procedimento de escrita, Lobo Antunes produz personagens que, de modo geral, falam para si mesmos, conferindo às suas *falas* um tom de confissão, prática discursiva bastante trabalhada por Michel Foucault. Nota-se que esses discursos confluem para a construção de um mundo solitário, marcado, sobretudo, pelo enfraquecimento dos laços humanos, na linha do que observou o intelectual Zygmunt Bauman em *Amor Líquido*⁵², uma vez que a sociedade pós-moderna se inclina no sentido de destituir os vínculos afetivos que, de maneira progressiva, têm diluído a possibilidade de estabelecer compromissos duradouros.

A partir destas proposições, passo a investigar o projeto que move a escrita de Lobo Antunes. Por que o Autor trabalha com enredos que representam seres

⁵¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Ausência*.

⁵² BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

interiorizados, voltados para dentro? Qual o propósito do escritor quando opta por representar personagens cheios de solidão e de memória?

O que nos chama especial atenção nas crônicas de Lobo Antunes é que essas vidas compõem o cenário dos processos que modificaram as relações humanas, principalmente no que se refere à reordenação do *locus* urbano, ao revelar o *esvaziamento* do espaço público, que direcionou a experiência de vida para o ambiente privado. Desta maneira, observamos que as vidas representadas nas crônicas de Lobo Antunes revelam a dificuldade do convívio interpessoal que, de modo generalizado, é resultado de uma mudança na maneira de se relacionar.

O Autor materializa, na escrita, discursos que, na verdade, seriam banalizados e cairiam no esquecimento porque seriam recorrentes alusões a um cotidiano sem nada de especial. O dia-a-dia é o enredo que os torna possíveis e são os pormenores da vida diária que os definem e os exprimem, num cenário de tempo presente embebido de passado e de recordações. As crônicas nos apresentam personagens que *vivem* quase inteiramente de *ausências* e de *silêncios* revestidos de afetos frustrados.

No entanto, por trás de uma proposta aparentemente simples, Lobo Antunes parece se dirigir a um feixe de significados que compõem, de modo particular, a sociedade portuguesa, na sua fragilidade e na sua desventurada experiência. A leitura de suas crônicas nos remete às conseqüências de ordem política geradas pela Revolução de 25 de Abril, ao nos expor um ambiente de signos que apontam para vidas que foram atravessadas por ideais políticos malogrados, ocasionando a dissolução dos valores que lhes garantiam segurança. Desse modo, o que lemos nas crônicas do Autor são *mortes* representando *fins*, *memórias* representando *vidas*, *objetos* representando *pessoas*; tudo isso, circunscrito num contexto de silêncio e de extrema solidão.

Na crônica “Nós dois aqui a ouvir cair a chuva”⁵³, a narrativa está centrada na morte do cão de um casal. Esta circunstância os remete à lembrança da morte da mãe da mulher. Por razões dessas *mortes*, “novembro é um mês difícil”⁵⁴ para eles, pois é o mês em que essas perdas emergem da memória, embora as lembranças estejam também materializadas na fotografia e na gaveta: “Há a

⁵³ ANTUNES, António Lobo. “Nós dois aqui a ouvir cair a chuva”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 21.

⁵⁴ Idem, *ibidem*.

fotografia da tua mãe na cômoda e a trela do cão na gaveta, de vez em quando observamos a fotografia ou abrimos a gaveta para tocar na trela e todavia estamos sozinhos”⁵⁵.

Esse trecho que a crônica nos oferece é o eixo para percebermos que o hábito de recorrer às *gavetas da memória* é uma forma de se defender da solidão, e mais ainda, assinalar a mudança de comportamento do nosso tempo, uma vez que a troca afetiva se tornou debilitada e o ato de fazer das lembranças um suporte para viver, passou a ser uma forma de preencher a falta da troca de experiências que se realizavam numa vida em conjunto.

Segundo Richard Sennett⁵⁶, com o crescimento das grandes cidades e a difusão dos veículos de comunicação de massa, a experiência cotidiana passou a responsabilizar o indivíduo pelos valores da vida, e não mais a sociedade, o que favoreceu o privatismo. Com isto, necessariamente o indivíduo passou a viver num mundo interior, o que explica o processo de manter registros mnemônicos como um modo de substituir as relações que o homem estabelecia com o próximo no ambiente público.

A crônica nos apresenta personagens envoltos numa solidão em que as lembranças funcionam como pilares para compensar vidas que não são compartilhadas, mas *aprimadas* num mundo solitário e individualista. O prosseguimento da história se faz na descrição de um cotidiano marcado pelo isolamento e pela ausência de comunicação, pontuado por atividades essencialmente individuais como fazer crochê ou ler o jornal:

Ficamos sentados nos lugares do costume, fazes crochet na cadeira de baloiço, finjo que leio o jornal no sofá, um silêncio muito grande entre nós e, com um bocado de sorte, a chuva lá fora. Ao ouvirmos cair a chuva sobes o olho do crochet

- Dás pela chuva, Henrique?

subo os olhos do jornal a acenar que sim, e ficamos a contemplar a janela onde as gotinhas escorregam, aclaradas de viés pelas lâmpadas do passeio. Pelo menos falámos. Pelo menos disseste

- Dás pela chuva, Henrique?⁵⁷

⁵⁵ ANTUNES, António Lobo. “Nós dois aqui a ouvir cair a chuva”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002. p. 22.

⁵⁶ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁵⁷ ANTUNES, António Lobo. “Nós dois aqui a ouvir cair a chuva”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 22-23.

A seguir, o narrador revela que o comportamento do casal favorece o silêncio e a introversão: “Somos pessoas discretas, incapazes de exageros, de conversas, de emoções inúteis”.⁵⁸ Aqui, a crônica revela – na voz do narrador – um sintoma contemporâneo: a opção por não expressar sentimentos ou a falta de capacidade de se emocionar. Neste texto, as emoções parecem truncadas, as lágrimas não caem, mas a chuva traz a representação singela do sentimento que não aflora. O personagem relata que a chuva lá fora os torna *quase* felizes e que para que o fossem completamente esta teria de ser arrebatadora:

E depois existem momentos assim, a seguir ao jantar, em que principia a chover e nós aqui dentro, em paz, quase felizes. E escrevo quase felizes porque para escrever felizes seria preciso que a chuva fosse tão forte que arrancasse o prédio do lugar e o arrastasse consigo na direcção do Tejo o que, é evidente, não acontecerá nunca⁵⁹.

A explosão de felicidade é metaforizada pela tempestade que o personagem imagina, mas percebe tratar de ilusão. A chuva os consola porque pode ser algo que funcione em lugar da capacidade de expressão de um sentimento que eles não têm e a medida de sua intensidade representa a medida da emoção sufocada. De acordo com Richard Sennett, podemos perceber que quanto mais o indivíduo se interioriza, menos ele é capaz de demonstrar afetos⁶⁰ e esta parece ser a *fórmula* que António Lobo Antunes escolheu para construir a sua ficção.

Em *Nós dois aqui a ouvir cair a chuva*, podemos ainda observar que a partir de uma circunstância de perda como a morte, o silêncio torna-se um costume. É o silêncio da morte que faz o silêncio do cotidiano ser explicado. No entanto, o narrador nos faz perceber esse silêncio como um marco de infelicidade que, nos textos do Autor, é um sentimento constante dos seus personagens. A felicidade está sempre localizada no passado, nas memórias de fatos anteriores ou na impossibilidade de realização que se reflete no sonho ou na imaginação. A felicidade é sempre algo inatingível, também não é algo de que estejam à procura, porque vivem com a certeza de se tratar de uma fantasia.

⁵⁸ ANTUNES, António Lobo. “Nós dois aqui a ouvir cair a chuva”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 23.

⁵⁹ Idem, ibidem.

⁶⁰ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 16.

Recorrendo ao pensamento de Andreas Huyssen⁶¹, podemos perceber essa permanente sensação de *falta*, como a força-motriz de uma tendência ao uso constante dos mecanismos da memória como uma forma de preencher o vazio causado pela falência de lugares de estabilidade. Desse modo, os personagens representam indivíduos que se tornaram reféns de um mundo de valores *esvaziados*, onde o processo de recuperar o passado tornou-se uma forma de enfrentar a vida solitária e retraída.

Dentro deste contexto, a crônica *Minuete do senhor de meia-idade*⁶² nos apresenta a vida como uma “pilha de pratos” que nos remete a um acervo de memórias. Neste texto identificamos uma amargurada saudade de um tempo remoto que, de forma fragmentada, toma o enredo da crônica como marcas diluídas de objetos, pessoas, laços de família e vivências que somente através da memória podem ser retomadas. Nas palavras de Carlos Reis, “é exactamente a memória que se vai insinuando não apenas como instrumento de acesso ao tempo perdido, mas já mesmo como valor dotado de densa significação pessoal”.⁶³

A vida é uma pilha de pratos a caírem no chão. Vai a gente devagar da sala à cozinha, com aquela loiça toda de dias, de semanas, de meses em equilíbrio uns sobre os outros, a tilintarem e a tremerem, mais dúzias de garfos e facas escorregando lá em cima, no meio dos restos de comida e dos restos de infância, de espinhas de peixe de pequenas mentiras e de folhas de alface de domingos felizes, e nisto, sabe-se lá porquê, os anos entortam-se, uma saudade escorrega, a minha mãe, muito nova, escapa-se-me das mãos, e atrás da minha mãe os anos da tropa, o liceu, a esposa do farmacêutico a chamar-me do primeiro andar e eu com medo, vai a gente com aquela loiça toda, cada vez mais precária, mais vacilante, mais oblíqua⁶⁴

A crônica é inteiramente marcada por lembranças de fatos ocorridos na vida do personagem, que se apresenta “em cacos”.⁶⁵ As lembranças estão materializadas nas louças que vai arrumando e a leitura de episódios que determinam a sua existência está representada pelos objetos que ainda se

⁶¹ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, Universidade Cândido Mendes e Museu de Arte Moderna: 2000, p. 16.

⁶² ANTUNES, António Lobo. “Minuete do senhor de meia-idade”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 85.

⁶³ REIS, Carlos. “Os domingos cinzentos de António Lobo Antunes”. Texto apresentado em conferência realizada em Lisboa pela Fundação Calouste Gulbenkian.

⁶⁴ ANTUNES, António Lobo. “Minuete do senhor de meia-idade”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 85.

⁶⁵ Idem, p. 86.

encontram inteiros: “o único pires completo é ter cinquenta anos e tanta coisa quebrada à volta, trazer a pá e a vassoura, deitar a vida no balde, limpar com a esfregona[...]”.⁶⁶ Há um contentamento que parece estar relacionado a esse acervo de memória de “pequenas mentiras”⁶⁷ e “domingos felizes”⁶⁸ que vai criando a partir do manuseio dos objetos. O presente não encontra sentido no seu *viver* e o que resta ao personagem é recolher “os fragmentos de loiça”⁶⁹ de sua vida a fim de ocupar este espaço que lhe é escasso.

De maneira semelhante, a crônica *Sugestões para o lar*⁷⁰ nos apresenta um ambiente narrativo que é representado por signos que nos remetem à idéia de morte, mas precisamente, de suicídio, dado que o *domingo* nos remete a uma leitura de melancolia e de auto-destruição: “Os domingos cinzentos desbotam para dentro de nós: a luz do candeeiro doente, uma chuva doente, sons em bicos de pés numa cerimónia de velório. A alma molhada e cabisbaixa como um cão”⁷¹. O personagem, mergulhado num contexto de vida *falhada* se sustenta nas saudades de um passado que se manifesta nas recordações:

Vontade de revistas velhas, livros antigos, jornais da semana que passou. Os cheiros mais presentes: o do tapete, o da roupa nas gavetas, o do almoço dos vizinhos no patamar. As laranjas da fruteira tentam em vão inaugurar a manhã. Vontade de mantas nos joelhos, uma paciência de cartas. Chopin em disco de setenta e oito rotações, com os saltos da agulha a fazerem parte da música: a cada voltinha um soluço rachado aumentando a melancolia do piano. Lembrança de bules chineses, de velhos açucareiros de prata no armário com pontinhas de vidro⁷².

Este universo solitário é radicalizado quando o personagem admite que “morrer não fazia grande diferença”⁷³, isto porque, para ele, dar fim a sua vida seria apenas tornar-se “sonetos de almanaque, folhas secas em álbuns”⁷⁴.” Dessa maneira, entendemos que o personagem vive num mundo desvitalizado onde

⁶⁶ ANTUNES, António Lobo. “Minuete do senhor de meia-idade”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 86.

⁶⁷ Idem, p. 87.

⁶⁸ Idem, ibidem.

⁶⁹ Idem, ibidem.

⁷⁰ ANTUNES, António Lobo. “Sugestões para o lar”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 73.

⁷¹ Idem, ibidem.

⁷² Idem, ibidem.

⁷³ Idem, ibidem.

⁷⁴ Idem, ibidem.

morrer não significa muito. Apenas, tornar-se memória, o que, de algum modo, ele já é. A memória sustenta uma vida que não tem sentido, a não ser através das recordações do passado.

Essa postura fragilizada e desiludida pode ter a ver com as questões políticas em Portugal, no que diz respeito aos processos pós-ditatoriais. Após o tardio abandono das colônias portuguesas na África, grande parte da sociedade teve de reconstruir uma auto-imagem. Após a queda do regime salazarista, a situação civil no país enfrentou a *falta* de uma ordem que fosse rigorosamente legítima, que pudesse transformar o caos e a desordem numa democracia e, neste processo, um longo período de incertezas e descrenças marcou esta transição. Afinal, após quase meio século de ditadura, a sociedade custou a assumir o próprio comando.

A partir desta circunstância histórica, Lobo Antunes nos apresenta uma leitura de personagens que são retratos de indivíduos que vivem na impossibilidade de constituir um *sentimento pleno* e que a todo o tempo recorrem à memória para preencher esse *espaço* que lhes é ausente; são indivíduos caracterizados pelas seqüelas de um poder político. A leitura que fazemos dos seus gestos, dos seus comportamentos, e da sua expressividade narrativa nos faz pensar que todo esse emaranhado de vida malograda é o resultado acumulado de procedimentos políticos que deixaram seqüelas psicológicas altamente significativas, no sentido de que o presente não é suficiente para compensar essas vítimas que transformaram suas vidas num museu de recordações.

Por outro lado, o *lugar* que não se completa na vida destes indivíduos também pode ser lido como uma conseqüência das práticas de acúmulo de bens materiais que passaram a ocupar o espaço daquilo que já não estava presente, como observamos na crônica *A coisa não é bem essa*⁷⁵. Neste texto, a personagem-central – uma mulher viúva – defende-se da solidão com a companhia dos objetos e de seus afazeres domésticos. Neste texto, o silêncio não está representado pela incomunicabilidade, mas pela dinâmica atuante dos objetos. O seu relacionamento com as coisas é descrito como se ali também houvesse vida; ou melhor, como se a existência da mulher pudesse ser igualada àquelas matérias, uma vez que os seus pertences parecem ser humanizados. A degradação dos objetos aparece abordada na crônica como um efeito de

⁷⁵ ANTUNES, António Lobo. “A coisa não é bem essa”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 101.

frustração, metaforizando uma vida que não tem funcionalidade, uma vida que precisa ser *reparada*.

Teve de lavar a loiça do almoço porque a máquina avariou e o representante

- Só na segunda-feira, minha senhora, tenho metade do pessoal em férias

lhe desligou o telefone na cara, depois de tomar nota da morada, a resmungar não se percebia o quê acerca de as pessoas escolherem sempre os sábados para lhe exigirem concertos⁷⁶.

[...] e agora sim, podia apagar a luz do tecto no interruptor em que invariavelmente uma faísca maldosa que desesperava o electricista

- Não entendo o que se passa com os fios⁷⁷

A crônica é inteiramente descrita por um cotidiano enfadonho, numa linguagem exaustivamente composta de verbos que mobilizam o *fazer* e o *desfazer* do dia-a-dia:

Lavou a loiça, alinhou-a no escoador, limpou com uma esponja a bacia de alumínio até que nenhum vestígio de espuma, poisou a esponja no lugar habitual atrás da torneira [...] suspendeu-o no prego dos panos, carregou no pedal do caixote forrado com um saco de plástico do supermercado, deu um nó no saco, deixou-o no banco junto à porta da cozinha, olhou em volta a verificar se estava tudo bem e estava, talvez um bocadinho mais para a esquerda o cinzeiro de bronze a imitar um sapato, sempre com fósforos queimados lá dentro, pegou nos fósforos cinco fósforos e enfiou-os no saco por um espacinho livre onde se notavam cascas⁷⁸.

Através de sua personagem, o escritor nos oferece uma visão que implica a dimensão da solidão que se pode experimentar quando se dá voz aos objetos:

Um ténis esquecido parecia desafiá-la ao lado do computador

- Tira-me daqui, atreve-te.

Não respondeu ao ténis, espreitou a rua da varanda do escritório sem atentar na rua [...]⁷⁹

Diante destas observações, cabe-nos perceber que a personagem representa, através do seu universo malogrado, a condição pós-moderna que se aproxima da

⁷⁶ ANTUNES, António Lobo. “A coisa não é bem essa”. In: *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 101.

⁷⁷ Idem, p. 102.

⁷⁸ Idem, p. 101.

⁷⁹ Idem, p. 102.

visão de Baudrillard: “[...] os homens não se encontram rodeados como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por objectos. O conjunto das suas relações sociais já não é tanto o laço com os semelhantes [...]”.⁸⁰

Deste modo, podemos compreender que, como característica da sociedade contemporânea, as relações de trocas sociais foram substituídas pelas relações com o material. E este comportamento está relacionado com o conceito de interiorização e de falta de um espaço público que favoreça a sociabilidade. Diante das *perdas* de lugares *estáveis*, o indivíduo pós-moderno passou a valorizar o consumo e a sua relação com os objetos tornou-se uma relação mais vital que a relação com o próprio homem. Sendo assim, nesta crônica, a personagem representa essa dinâmica de valores que foram destituídos, pois “no fundo, começamos a viver menos na proximidade dos outros homens, na sua presença e no seu discurso; e mais sob o olhar mudo de objetos”.⁸¹ No sentido da proposta de Baudrillard, a crônica nos revela que a afetividade foi re-direcionada, pois a sociedade do nosso tempo procura amenizar a falta de afinidades pessoais através da estreita relação com os bens que possui e que almeja, incessantemente, obter.

Sob essa condição, o que percebemos nas crônicas do Autor é que quando a solidão não pode ser preenchida através do resgate de acervos da memória, os objetos tomam posição na ordem do discurso, não somente no sentido de articularem elos com o passado, mas de representarem os sentimentos de afetividade que se tornaram falidos com a reordenação do espaço social.

Focalizando outra particularidade do projeto de escrita de Lobo Antunes, verificamos na leitura das crônicas que o Autor constrói personagens que são representações de pessoas comuns, sem qualquer traço de nobreza ou aparato que lhes favoreça um destaque social, o que, posto em perspectiva com a proposta de Michel Foucault, em *O que é um autor?*, estaria próximo daquilo que o teórico francês categorizou como a vida dos homens infames⁸². Infames não por revelarem peculiaridades de *baixeza moral*, mas por se apresentarem sem predicados gloriosos, por representarem, literalmente, homens *sem fama*. Muitos desses personagens que encontramos em suas crônicas nem sequer são nomeados

⁸⁰ BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos Objetos*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, p.15.

⁸¹ Idem, *ibidem*.

⁸² FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4ª ed. Lisboa: Vega, 2002, p. 89.

e, a *força* que lhes permite existir está na própria linguagem de que são *feitos*, moldados no seu próprio discurso que trata de existências que,

[...] nada tendo sido na história, não tendo desempenhado nenhum papel apreciável nos acontecimentos ou entre as pessoas importantes, não tendo deixado à sua roda qualquer traço que possa ser referido, não têm e nunca mais terão existência, a não ser ao abrigo precário destas palavras.⁸³

Notamos nas crônicas a opção do escritor por trabalhar com a construção de personagens um pouco marginais. Mas por que o Autor emprega grande parte de sua obra a *dar voz* a personagens que não são, nem nunca foram mais do que coadjuvantes da história portuguesa? Qual o propósito de Lobo Antunes ao nos apresentar retratos de indivíduos isolados dos núcleos de decisão e que são vítimas de um processo histórico encaminhado à sua revelia?

Esta preferência por trabalhar com personagens *ex-cêntricos* (ou fora dos centros) nos revela que, ainda dentro de uma ação política, a razão para essa escolha do Autor está relacionada à própria posição de Portugal dentro do contexto europeu, quando percebemos que este país aparece como um país intermédio, resultado de grandes resistências à modernização, e de um forte autoritarismo que o submeteu a um poder centralizador, limitando seu diálogo com outras nações. Segundo Boaventura de Sousa Santos, “o modelo de desenvolvimento seguido em Portugal nos últimos dez anos tem maior potencial periférico do que centralizante”.⁸⁴ Seguindo este raciocínio, podemos ler nos personagens de Lobo Antunes a representação deste “potencial periférico”, uma vez que as suas crônicas nos apresentam homens sem nome, sem fama; homens que não representam o centro de nada, a não ser o das suas próprias vidas. Trata-se de indivíduos sem identidade submetidos à deriva da história, sem se constituírem em modelos de referência.

As crônicas apresentam-nos personagens explicitamente desfavorecidos de consciência política, mas que revelam um comportamento que reflete os efeitos de um certo mal-estar gerado por uma condição política instável como a que caracterizou Portugal nos anos 70 e 80. O que vemos são as consequências geradas pela submissão ao autoritarismo, pelo medo e pelas práticas de terror

⁸³ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4ª ed. Lisboa: Vega, 2002, p. 100.

⁸⁴ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 64.

exercidas por um regime centralizador. A professora Maria Alzira Seixo analisa este processo da seguinte forma:

Lobo Antunes realiza [...] a História como acontecer miúdo e perspectivado pelo horizonte estreitado à medida das mentalidades impreparadas ou colaterais, reivindicando o seu lugar determinante no conjunto dos acontecimentos epicamente isolados, e cuja existência afinal dissipa as grandezas que o fraseado da memória oficial e autograturatória elabora e determina⁸⁵.

Valendo-se desse argumento, podemos compreender que essa história específica se encontra dissolvida no cotidiano e pode ser interpretada através das palavras, dos gestos, do ambiente intimista e malgrado que compõe as personagens, e da sua atuação vazia de existência, embora preenchida por um cenário verbal que mobiliza e concretiza a ficção de Lobo Antunes.

O que, contudo, nos importa apreender destes textos é que

o insignificante deixa de pertencer ao silêncio, ao rumor passageiro ou à confiança fugaz. Todas aquelas coisas que constituem o ordinário, o pormenor insignificante, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, - mais, escritas. Tornam-se descritíveis e transcritíveis [...] ⁸⁶

Portanto, a literatura de Lobo Antunes pode ser concebida como um discurso que recorre ao indizível, ao interdito e a toda espécie de atribuições que julgaríamos banais dentro de um contexto de realidade. Nas suas crônicas, o que nos é exaltado aos olhos (e aos sentidos) é uma *poesia do cotidiano*, articulada com a experiência do mundo pós-moderno, onde sintomas como a solidão, a incomunicabilidade e a dificuldade afetiva ganham *corpo* nos textos. Mas será essa a leitura que Lobo Antunes gostaria que fizéssemos das suas crônicas? Qual o propósito do autor ao revelar as minúcias desse mundo anônimo?

Através dessas indagações, podemos dizer que Lobo Antunes pretende com a sua literatura retratar a nossa própria vida e é em *Receita para me lerem*⁸⁷ que ele nos dá a medida para percebermos como ele gostaria de ser lido, além de

⁸⁵ SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 126.

⁸⁶ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4ª ed. Lisboa: Vega, 2002, p. 117.

⁸⁷ ANTUNES, António Lobo. "Receita para me lerem" In: *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p 109.

revelar que, através de um “choque” com esse discurso infame, nós também cabemos nessas representações. Lobo Antunes propõe que a nossa “racionalidade truncada” e ⁸⁸

[..]a confiança nos valores comuns se dissolva página a página, que a nossa enganosa coesão interior vá perdendo gradualmente o sentido que não possui e todavia lhe dávamos, para que outra ordem nasça desse choque, pode ser que amargo mas inevitável. [...] Reparem como as figuras que povoam o que digo não são descritas e quase não possuem relevo: é que se trata de vocês mesmos.⁸⁹

Desse modo, podemos afirmar que os seus textos são construídos a partir das nossas próprias dificuldades, das nossas próprias impossibilidades, das nossas próprias doenças, dos nossos próprios “despojos”.⁹⁰ Trata-se, portanto, de textos de ficção que apresentam uma linha tênue com a verdade, tão reconhecível em determinadas atuações dos personagens, nos seus gestos, e principalmente, no seu discurso que constituem um retrato da nossa própria vida.

⁸⁸ ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem” In: *Segundo livro de crónicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002, p. 110.

⁸⁹ *Idem*, p 110-111.

⁹⁰ *Idem*, p 110.